

Referências Biográficas

(Jerônimo Coelho e Moreira Guimarães)

Major JÔNATHAS CORREIA

Discurso proferido no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, para a recepção de novo sócio Major FREDERICO LEOPOLDO DA SILVA.

Em sua erudita conferência, pronunciada no I. H. B., sobre o Marquês de Barbacena, disse o general Souza Doca:

“Uma das funções deste Instituto, em seu nobre culto pelo passado, é recordar, recordar sempre, para ministrar exemplos edificantes, deixados pelos nossos maiores, no transcurso pela vida, ao serviço do progresso, da civilização, da família, da sociedade ou da Pátria”.

É, também, o recordar, uma das funções do I. G. H. M. B., e isto porque no reencontro com o passado, no estudo dos valores substanciais da Nação, na crítica serena dos seus atos e na glorificação dos seus feitos é que se criam os modelos a serem seguidos pelas novas gerações, dando-lhes um sentido mais digno do valor do seu País.

A biografia dos grandes homens é a própria história da humanidade, afirmou Carlyle, e nós poderemos escrever a história do Brasil, através da biografia de alguns dos nossos antepassados.

Não é o relato da vida de Caxias, uma verdadeira crônica socio-política, do período que vai de 1822 a 1880?

Biografando Mauá, Alberto de Faria, não tratou largamente de todo nosso desenvolvimento econômico e financeiro?

Nabuco, no "Um estadista do Império", não fez o mais completo, o mais notável estudo sobre a política e políticos do segundo reinado?

Certo, nos trabalhos biográficos não se deve apenas narrar o que há de apreciável, de bom e de justo, na vida do biografado, ocultando-se, de propósito, "os defeitos, fraquezas ou vícios, porque dos exemplos reprováveis se podem tirar preciosas lições".

E é, sobretudo, necessário liberdade à crítica histórica para que esta possa ter o caráter de função doutrinadora, mesmo porque se, como diz Voltaire, às vezes basta um homem para desdoirar uma Nação, não menos verdade — afirma Ruy — é que, às vezes, basta um só para a salvar, oriundo que seja de classe humilde.

Em nosso País, contam-se por centenas, homens ilustres e que prestaram à Pátria os mais assinalados serviços, vindos da obscuridade, nascidos não em berços de ouro, mas em berços de necessidade ou quando muito parcamente abastados.

É o caso de Jerônimo Coelho. A sua carreira vitoriosa, inicialmente torturada pela orfandade e angustiada pela pobreza, é uma afirmação do seu mérito, do seu esforço e da sua tenacidade.

Dele, escreveu Moreira Guimarães: "Não sei de catarinense maior que Jerônimo Francisco Coelho, tão bem acabado se me afigura quem tantas vezes dissera, para cima e para baixo, falando menos aos contemporâneos que a posteridade: Minha pobreza é minha riqueza.

Admirável brasileiro, tão justamente conhecido — ora por espada falante, ora por espada sábia — em face quer do fulgor da palavra, quer da claridade na inteligência".

Ao traçar o perfil do seu patrono, teria Moreira pensado em si?

Ou a escolha se fizera, precisamente, por uma similitude de destinos?

Seja como for o que há de positivo é que a Moreira se poderá ajustar, e muito bem, as palavras escritas, por ele, sobre Coelho.

Meus senhores:

José Maria Moreira Guimarães, é dos nossos dias, é de ontem, ainda estamos a vê-lo, presente às nossas sessões, animando-nos com a juvenildade de sua inteligência, a alegria do seu espírito e o exemplo de sua surpreendente capacidade de trabalho. Era ao mesmo

tempo, mestre e amigo. Bondoso, sereno, tolerante, não se lhe ouvia dos lábios uma palavra de censura, um azedume, um sarcasmo que deixasse transparecer o travor de um desengano ou de uma decepção.

Velho, doente, o fulgor de sua admirável cerebração dava-nos a impressão de um homem apenas chegado a idade viril, ele que já havia atingido ou quiçá ultrapassado a canônica.

Transporto-me nesta hora, meus senhores, para o dia em que se comemorou no Club Militar, o cinquentenário da República.

Moreira era o orador oficial. Ele que havia participado, e como um dos mais destacados elementos, da célebre sessão de 9 de novembro de 1889, iria narrar o fato, descrever a cena, e reviver aos nossos olhos os homens que decidiram destruir o trono de Pedro II, naquela inolvidável noite.

Foi magistral. O seu discurso preciso, claro e de intensa paixão. Magnífica a sua evocação, magnífica e comovida.

Enquanto viveu — e que falta ele nos faz — toda a sua inteligência, todo o seu caráter, toda a sua energia, foram dedicados única e exclusivamente ao Brasil.

Venceu pelo esforço próprio. Deixando a sua formosa Laranjeiras, chega à Corte e ingressa na Escola Militar.

Aí estudou e lutou sozinho, sem outra recomendação além do seu mérito. Os dois grandes movimentos que empolgaram a Nação — ao seu tempo de estudante — abolição e República, — tiveram nele um ardoroso adepto e republicano foi até desaparecer, dentre os vivos.

Jamais abjurou as suas crenças, a sua confiança na Democracia.

Chegado à velhice, talvez na hora extrema, poderia ter espraído as vistas sobre a larga estrada explorada e poderia ter dito com orgulho, que nunca mentiu aos ideais que lhe iluminaram os anos da mocidade.

A jornada que percorreu foi longa, por vezes percalços lhe dificultaram a marcha, mas a sua inquebrantável força de vontade tudo sobrepujou e pôde chegar ao fim, merecendo o apreço e o respeito de seus concidadãos.

A sua bibliografia é vasta e variada, repartida por diversos gêneros de cultura, atestando o esforço, a versatilidade da intelligen-

cia, a beleza do estilo e a dominação dos assuntos. Versou a geografia, a história, a moral, a filosofia, o direito, a economia, organização militar, não se especializando em nenhum deles.

Do seu apego à filosofia vem, certamente, ter sido um espírito profundamente religioso, sabido que é que todas as religiões são filosóficas e as mais completas.

Inicialmente, abraçou o positivismo, sob a influência do maior dos mestres da Praia Vermelha, aquele que foi guia moral e espiritual de várias gerações de servidores do Brasil, da consciência mais límpida, do caráter mais puro, da dignidade mais nobre, que já conheceu o magistério nacional — Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

A religião do filósofo de Montpellier, adotada na mocidade, fez com que ele acreditasse nas palavras de Comte, isto é: “Que a filosofia deve tornar-se positiva em vez de se perder em vãs especulações sobre a natureza, a substância, a causa primária, e deve elevar-se a uma representação ao mesmo tempo una, sistemática e positiva do universo”.

Cedo, porém, desvincilhou-se da Religião da Humanidade e passou a admirar no antigo professor da Escola Politécnica de Paris, apenas o matemático, o sábio, o sociólogo, o inimitável classificador das ciências.

A Teosofia — “que traz em si a louca pretensão de ter um conhecimento perfeito da Divindade e gosar de sua intimidade” — preocupou-o algum tempo.

Justo é ressaltar que jamais o empolgou o Teosofismo, oriundo das sociedades teosóficas, fundadas por ou sob a inspiração de Mme. Blavatsky ou Anie Bresant pois era bastante esclarecido para conhecer a crônica tanto da moscovita esposa de um general russo como da ex-amante do inglês Bradlaugh. Mais. Deveria ter alcançado o sentido moral da sentença de Guenon: “A história do teosofismo é a sua melhor condenação”.

A Maçonaria teria sobre ele uma influência decisiva, seria maçã até o fim. Entendia a sociedade fundada por Hiram, no tempo de Salomão, durante a construção do templo de Jerusalem, como um centro de filantropia, fraternidade e caridade. Percorreu todos

os graus da hierarquia maçônica e emprestou ao grande oriente do Brasil o valor de sua bela cultura.

No fundo, porém, um crente. Deus jamais saiu do seu coração e ele que em criança — quem sabe? — teria balbuciado, antes de dormir, a Ave Maria, vez por outra olhava o Cristianismo, e, finalmente, veio a ele. Veio, não, voltou.

A história do espírito humano, do seu evolver através dos séculos, lhe era familiar, e portanto estava compenetrado que a idéia de Deus andava presente, “sob formas diversas, nas mais remotas escolas ou sistemas filosóficos”.

Não desconheceria, possivelmente, que entre os antigos como entre os modernos, Lutero a frente, a religião de Cristo, sofria restrições.

Mas a verdade é que entre todas “as religiões que as idades teem conhecido, a única de gênio verdadeiramente universal é o Cristianismo. Tem cada cidade, no mundo antigo, os seus deuses próprios, de invocação particular. É o politeísmo. Na antiguidade somente o mosaísmo se baseia sobre a unidade de Deus e da Criação. E foi no seio de Israel, por isto mesmo, que nasceu o Salvador”.

O Cristianismo espalhou-se pelo mundo graças à propaganda dos apóstolos. As perseguições, os martírios que sofreram Cristo e os seus filhos jamais entibiaram aos crentes da nova religião, a religião única, a religião das religiões. O sumo bem. A verdade das verdades.

O caráter ecumênico do Cristianismo afirma-se na hora mesma do nascimento de Jesús. Diz S. Lucas: “Não temais; porque eis que vos anuncio uma grande alegria, que terá todo o povo. Nasceu-vos na cidade de David um Salvador, que é o Cristo Senhor”.

Vemos e compreendemos que quando o evangelista escreve “todo o povo” a expressão deve ser entendida como referente a todo gênero humano e não apenas aos filhos de Israel. Mais. Entre os discípulos de Cristo, será S. Paulo quem firmará seu espírito de universalidade.

Nas “Epístolas aos Romanos”, vem: “Porventura Deus só o é dos Judeus? Não o é também dos gentios? Não há distinção entre judeus, gregos e gentios, pois o mesmo Cristo é o Senhor de todos”.

A prodigiosa rapidez do sucesso do Cristianismo explica-se facilmente. O politeísmo não tinha grande influência sobre as multidões. Até então, nenhuma doutrina filosófica tentara, ao menos, aproximar-se delas. O Cristianismo, — escreveu Faguet — é essencialmente popular, amando as crianças, amando os humildes, tendendo, segundo Descartes, a considerá-los mais filhos de Deus do que os grandes da Terra; foi recebido pelas multidões como sendo a única doutrina verdadeira, de caráter unitário, que substituía as variedades de deuses do paganismo, já em franca e absoluta decadência.

Segundo S. Agostinho: “A verdade que promana da religião do Nazareno é da mais límpida claridade e é mais pura que a mais pura das fontes”.

“Todo o mundo está esperando ainda o triunfo completo do Cristo”, disse Pio XII, no Natal de 1941. Que será a vitória integral do Messias? “O livre arbítrio dos homens garantido, reconhecido o direito de vida de cada um”, responde S. S..

Ninguém, entretanto, definiu a doutrina do filho de Maria, como fez Lamennais. Ouçamo-lo:

“Destruir de sobre a terra a dominação da força, substituir-lhe o reino da justiça e da caridade, e realizar assim entre os membros da grande família humana, indivíduos e povos, a unidade dentro da qual cada um vivendo a vida de todos encontre as condições reais favoráveis ao desenvolvimento do seu próprio destino — tal é a atuação do Cristianismo”.

O desenvolvimento social da humanidade muito deve ou deve tudo Aquele que soube, ainda criança, confundir todos os sábios do seu tempo. Não conseguiu Ele, é verdade, estabelecer em definitivo a paz entre os homens e o mundo ainda luta e há de lutar por muitos séculos afora entre Ormuz e Ahriman e por mais que se reu-nam fiéis às forças do primeiro nem por isso as do segundo deixam de aumentar.

Ariel e Caliban ainda se digladiam e nós lhe seguimos as péga-das, inconcientes de nós mesmos e aturdidos pelo bem e pelo mal.

É óbvio que não podemos refugir ao nosso destino e nem podemos guiar as nossas ações no sentido do infinito, pequeninos seres que somos, cuja única grandeza que possuímos é a fortaleza da nossa fé, a certeza da existência de Deus.

As pugnas, o ódio, o crime, a ambição, a inveja, sobrevivências de outras eras, aí estão impunes e desenvoltos.

É a eterna história, é o eterno sofrimento dos homens e é por tudo isso que Cristo, ungido de santa piedade, olhando os máus e os ímpios, deixou sair de seus lábios, aquelas palavras, como vozes do seu coração, coração de onde emana todo o bem, como "das flores emana o perfume": "Perdoai-lhes, Senhor, eles não sabem o que fazem".

Senhor Major F. Leopoldo:

O cintilante novelista de Bel-Aini dizia, — no início de sua gloriosa carreira — quando lhe era agradável demolir que existiam, em França, três coisas detestáveis: a Revista dos Dois Mundos, as condecorações e a Academia Francesa, sendo esta a pior, concluía o paradoxal epigramista.

Tal significava o desprezo que o sutil autor de "Pedro e João" tinha pela filha de Richelieu, e, por esta forma, ele, sem se aperceber, fazia, também, o jogo deselegante dos candidatos derrotados nas eleições do cobiçado sodalício.

Era um valor autêntico, um dos mais eminentes mestres do conto francês, escritor sóbrio, vigoroso, preciso, quem assim seteava, tão rudemente, o grande Senado da intelectualidade latina. Depois, veio a reflexão e Maupassant pertenceu à Academia Francesa e colaborou na Revista. Não sei se para completar o seu castigo, recebeu e usou condecorações.

Entre nós, já é hábito depreciar o nosso Instituto, olhá-lo com certas reservas e fingir não acreditar em sua alta e nobre finalidade, nos seus desígnios e na sua capacidade esclarecedora e restauradora de nossa história militar.

Pouco importa; desta luta entre os que creem e os que trabalham, contra os que, incapazes de obras sérias apenas se refocilam na lama de uma crítica zarolha e desprovida totalmente de espírito e de inteligência, é que há de vingar, exuberantemente, o prestígio desta Casa para cujas fileiras de defesa e de labuta, acabais de chegar, aplaudido por todos nós, os vossos eleitores.

O Instituto está de parabens e sobretudo porque não vos deixastes influenciar pelo exemplo do prosador da "A Casa de Teller"...

Há muito suspeitávamos do vosso desejo pois a vossa presença a todas as nossas reuniões e o interesse por tudo que nos dissesse respeito, deixava antever que virieis ao nosso encontro.

Fizestes bem; ao Instituto é agradável e útil a vossa colaboração. Sois um cultor e um estudioso de nossa História, e os vossos trabalhos, maximé os que serviram de credenciais para a vossa eleição, atestam, de certo modo, o quanto já destes de contribuição à História Militar do Brasil.

Com elegância, clareza, senso crítico e conhecimento seguro da época e do meio em que viveram e agiram, estudastes Jerônimo Coelho e Moreira Guimarães, — o Patrono e o primeiro ocupante de vossa cadeira.

Outras obras de divulgação e crítica histórica opulentam a vossa bibliografia e, convem que frise, para um melhor destaque de vossa inteligência, que, não só junto ao altar de Clio, recitais orações, pois, em tempos não recuados, montastes a Pégaso e chegastes até o Monte Hélicon, onde na Fonte de Hipócrene, bebestes inspiração para belos versos líricos.

Sois, também, poeta e dos mais felizes pois recebestes, ainda bem jovem, os aplausos de Bilac, o incomparável cantor de Satânia e do Caçador de Esmeraldas.

Não sois um poeta preso a escolas ou sujeito a preconceitos de formas ou de métrica.

Na poesia vos destacais como livre atirador e se não vos filiastes à corrente moderna, orientada, no Brasil, por Graça Aranha e Cassiano Ricardo também não vos apegastes ao parnasianismo ou ao simbolismo.

Nem Herédia, nem Varlaine, nem Marinetti. Ficastes vós mesmo.

Em nossa terra, é o jornal, e com justa razão, o ponto de partida de todos quantos desejam aparecer no mundo das letras ou sentem necessidade de divulgar idéias que julgam uteis à coletividade.

Não fugistes à regra e os periódicos e revistas desta capital e de alguns Estados receberam a vossa colaboração, sempre oportuna e vasada num estilo próprio e singular.

A esta altura merece ser dito, em vosso louvor, que embora sejam vários os setores onde labora a vossa mente, ainda dispensais

um pouco de tempo ao cultivo do idioma que Camões immortalizou.

Fazeis bem; a língua que falamos devemos transmiti-la aos nossos filhos, tão límpida e tão pura quanto nos deram, pois "se não foi gerada por nós, a adotamos, se não foi batizada aqui", aqui se radicou e tornou-se mais forte, mais expressiva, e sofreu, guiada por inigualáveis mestres, uma evolução notável, como ser vivo que é e que não poderia deixar de receber as influências determinantes do seu novo e bravo habitat.

E teve em Rui, — o nosso Grande Rui, — o seu maior cultor, aquele de quem disse Aluísio de Castro: "No que lhe saía dos lábios ou da pena estava o sináculo da perfeição".

Cronista, poeta, jornalista, é este o tríplice aspecto de vossa personalidade e ela pode ser acrescida de um outro: soldado, profissional de méritos destacados, cumpridor exato de suas obrigações, cioso de suas responsabilidades, enérgico e tolerante.

Agora, meu caro confrade, tendes mais um dever e estamos seguros de que sabereis cumprí-lo: zelar pela glória de vossa cadeira, neste Instituto.

E o esplendor da cadeira n.º 29 é o seu próprio roteiro histórico: Império e República. Jerônimo Coelho e Moreira Guimarães. Sede benvindo.
